



CARTA ABERTA

Nós, conferencistas participantes, queremos expressar as nossas reflexões sobre migrantes e refugiados. Fazemo-lo na sequência das nossas deliberações sobre processos de migração no mundo contemporâneo, numa recente conferência internacional intitulada “**Reconstruindo Vidas nas Fronteiras: Desafios no atendimento junto aos migrantes e refugiados**” realizada em Joanesburgo, África do Sul, de 4 a 6 de Dezembro de 2018.

Reconhecemos primariamente que a migração humana é tão antiga como a história da humanidade. Contudo, discursos recentes sobre as migrações humanas têm vindo a salientar a politização de seus processos e resultados. A prova disso está demonstrada no fato de quadros institucionais não acomodarem as várias situações de migração e de refugiados que devem ser bem claras para todos. O unilateralismo no panorama internacional está adicionalmente a erodir as capacidades do atual quadro institucional internacional para garantir a proteção e servir humanamente as pessoas em movimento. A má caracterização mesquinha, os falsos comentários e afirmações erradas sobre os migrantes e refugiados geraram recentemente várias reações e sentimentos em muitos países. Por isso, pensamos ser essencial estabelecer claramente alguns fatos objetivos sobre a migração humana contemporânea, corrigir a desinformação e partilhar uma perspectiva que considere as pessoas em situação de mobilidade.

Constatamos que o processo de migração é variado, e que as experiências de migração são diferentes, que o fenômeno da migração é complexo, e o nosso entendimento sobre a migração humana é limitado. Apesar desta prova evidente, ela aponta inequivocamente para a natureza entrelaçada das forças naturais e artificiais por trás das migrações. O protagonista no processo de mobilidade humana é um migrante ou refugiado forçado por circunstâncias para sair do seu lar para outro local. A nossa comum visão é a de que fatores econômicos são frequentemente ressaltados, havendo menos enfoque sobre fatores como cultura, religião, política e fatores naturais. Constatamos que estes fatores estão intimamente ligados. Em alguns casos, considerações de segurança dos Estados superam intervenções humanitárias. A maior parte das atuais narrativas não expressam as razões subjetivas da mobilidade humana. Daí que são expressos valores e expressões arcaicas que se propagam sem ter em conta seus efeitos e impactos. Apesar disso a nossa mensagem é a seguinte:

Reconhecemos e honramos a resiliência, autonomia, diversidade e espírito duradouro dos **migrantes e refugiados**, especialmente à luz das adversidades prevalentes do mundo. Sublinhamos e compreendemos que as pessoas em mobilidade contribuem imensamente e de forma diversa para o progresso humano e da fraternidade. Apesar de ser um fato corrente que migrantes e refugiados são um nicho dependente de assistência, atestamos que muitos procuram sair das condições adversas e degradantes e desumanas. Valorizamos as várias formas da presença das pessoas em movimento que enriquecem vidas humanas, especialmente através da interação que aprofundam a compreensão da humanidade.



Notamos a importância da sociedade civil na prestação de serviços concretos e na defesa dos direitos dos migrantes e refugiados. Sugerimos que a sociedade civil deve focar-se mais na compreensão da migração humana dentro dos países e deliberadamente sublinhar a atenção aos movimentos em áreas fronteiriças, assim como em áreas não urbanas. Encorajamos a sociedade civil a prestar especial atenção aos movimentos de jovens, crianças, mulheres e pessoas que vivem com deficiências, lésbicas, gays, transgêneros e pessoas intersexuais. Desafiamos a sociedade civil a defender o multilateralismo e a reconfiguração da legislação internacional referente à mobilidade humana.

A nossa mensagem para a Igreja é de redobrar os seus esforços atuais na promoção da dignidade humana e dos valores humano, prestando especial atenção às pessoas em movimento. A Igreja deve reforçar e criar novas parcerias que mobilizem indivíduos, famílias e comunidades para o maior bem dos migrantes e refugiados. No contexto de limitações de recursos, nós acreditamos que a Igreja deve repensar e destinar maiores recursos aos serviços pastorais nas áreas fronteiriças e providenciar orientações mais específicas sobre o movimento humano em geral. Os grupos religiosos devem facilitar o diálogo, criando intervenções proféticas e articulando a posição da Igreja, e compreender a mobilidade humana nos vários contextos envolvidos e em mudança.

A nossa mensagem aos governos é a de que lhes compete a responsabilidade de desistirem de usar a migração para efeitos eleitorais e de ganhos políticos, mas antes a de promoverem a dignidade humana, incluindo a do migrante, usando legislação que aplica os direitos humanos. Os governos devem reforçar programas que combatam a xenofobia, a discriminação e o tráfico de seres humanos. São essenciais ações que promovam o tratamento humano de pessoas que regularmente se deslocam em áreas fronteiriças, respeitando os direitos culturais. Os governos devem denunciar as actividades que facilitam um ambiente propício para a migração transnacional, especialmente a garantia para os deslocamentos de refugiados. Encorajamos os governos a avaliar e reformular políticas domésticas atuais sobre migrações, considerando as mudanças no contexto global. Encorajamos os governos a reforçar a arquitectura internacional para a mobilidade humana no espírito do multilateralismo. Sublinhamos a importância para os governos se focarem na criação de pontes e não de muros.

É nossa esperança que muitos interlocutores a quem nos dirigimos irão considerar a nossa mensagem, que afirma de forma ampla a importância da integração, como uma importante opção para os migrantes e refugiados. A nossa mensagem é importante ao promover soluções duradouras, meios de sobrevivência, redução de desigualdades e, por fim, a fraternidade universal. É um importante dever para todos nós criar um mundo em que as vidas humanas não sejam deliberadamente e desnecessariamente quebradas, e se quando ou onde isso acontecer, ajudar na sua reconstrução.

Joanesburgo, 6 de Dezembro de 2018.